

KIDAI S DE PRIMAVERA



No calçada a poça e flores de ipê boiando. Efémera vida.	“De papo pro ar” num barquinho de folha. Rá! – Cadê a viola!	No caramanchão alegria das flores. Casa de sabá!
Darly O. Barros	Hazel de S. Francisco	Nadyr Leme Ganzert
O garoto em férias sopra a ponta de um canudo: bolhas de sabão!	Rãs coaxando. Corro ao ranário. Serpente à vista.	Algo aconteceu com o canto da araponga silêncio no vale.
Divenei Bosei	Helvécio Durso	Neide Rocha Portugal
As vitórias-régias exalam suave perfume. Dia da Amazônia. Djajda Winter Santos	No ipê do jardim última flor amarela. Teimosas, teimosas. Héron Patricio	Perfume de ipê e o pé de ipê da fazenda, colore meus sonhos. Nilton Manoel
Noite de chuva. Na rede do terraço um raio me visita...	Vento, poste, fios. Menino e pipa na rua... – Bandeirola à vista.	O som me desperta. Sabá novidadeiro proclama a manhã.
Douglas Eden Brotto	Humberto Del Maestro	Olga Amorim
Sete de setembro! A história do Brasil na rua em desfile.	Miau! – o que acontece? – Vem da gata cinzenta. Lá está o gatinho.	Pássaros em festa.: jaticuba no tronco disputam os frutos.
Edel Costa	Joana de Toledo Machado	Olga dos Santos Bussade
Gatinho tranqüilo, brincando com o novelo. Sala em fim de tarde. Ediline B. L. Pinto	Nunca semeadas, surgem na encosta da serra novas bungunvilias. José N. Reis	Casa antiga e pobre... Em cima da mesa, sobras da pipa assassina!
Barulho me acorda: são miados amorosos. Gatinhos à vista! Eduardo Lopes Vieira	Fila de folhas nos galhos encruvados. Choro na calçada. Larissa Lacerda Menendez	Canta o bem-te-vi na beira de uma gruta. Não se sente só. Paulo Alfredo F. Bohm
Os ninhos são berços nos braços das araucárias na manhã alegre. Fernando Ribeiro da Cruz	Pequeno sabá, pulando de lá pra cá, busca a liberdade. Látia Lacerda Menendez	Dia da Amazônia. O menino faz sua parte com a muda na mão. Quellen Carini A. Tabosa
Um meigo gatinho treinando luta de boxe na bola de pano. Fernando Vasconcelos	Dia da Amazônia: Um satélite registra cem queimadas hoje... Luis Koshitiro Tokutake	Descendo da antena vai comer na mão do velho o bem-te-vi úrbero. Sergio de Jesus Luizato
Os sonhos da menina num olho de sabão sob o céu navegam. Franciela Silva	Quem? Eu? Quem? Eu! Quem?... Ecoando em plena noite o coral de rãs. Mariemy Tokumu	Fazenda esquecida. Guardiã do abandono, fiel araucária. Yedda Ramos M. Patricio

Gracias, noche: no porque la luna vuela ni las estrellas vivan, ni los grillos canten en los mármoles húmedos.

Gracias porque disuelves la susedad de las calles con tus velos invisibles. Alfonsina Stormi, La Noche: de Poesias Completas, 1990

Tutor de los perdones distribuidor de penas condona las condenas condena los condones.

Mario Benedetti, Laberintos: Papam Habemus; de La Vida ese Paréntesis, 1999

Quando dentro de las rocas se huela el agua, a pesar de ser roca la roca estalla.

Orden que no comprendo se ha dado al agua, fuerza de partir rocas y abrir montañas.

A veces, como el agua que se dilata, una fuerza terrible mandóme amara...

No soy ni piedra ni soy montaña. Una mujer tan sólo; ¿Qué quieres que haga?

Alfonsina Stormi, Coplas de Agua Dilatada

Não serás sozinho, se tens ave, flor e ninho, sempre em teu caminho!

Albertina Moreira Pedro

Para matar as saudades, fui ver-te em ânsias, correndo... – E eu que fui matar saudades, vim de saudades morrendo...

Adelmar Tavares ♣, em Trovalegre 03.99

O curso superior sempre traz um grande mal: É que o crime do Doutor dá prisão especial...

Agostinho J. de Souza, em BI UBT Magé 05.99 Carlos Guimarães ♣, em Trovalegre 03.99

Contra a constante injustiça que a maldade, às claras, solta, lanço aos donos da cobiça o meu clamor de revolta!

Aloisio Bezerra

Na tua ausência a ansiedade é o meu constante castigo; ficaste em minha saudade, meu coração foi contigioso!

Amélia F. de Carvalho, em Trovalegre 01.99

Eu não consigo, alvorada, de forma alguma entendê-la: A cada flor despertada, ter de morrer uma estrela!

Antonio Carlos Teixeira Pinto, em BI UBT Magé 06.99

Ir para o céu, sem ser santo, é bastante complicado: – por Pouso Alegre, entretanto, é meio caminho andado.

Apyrgio Nogueira ♣, em Trovalegre 02.99

A justiça é o grande bem que nos fia o Criador, mas se por amor não vem chega sempre com a dor.

Aristóteles Lacerda Júnior, em Fanal 05.99

Kigos à escolha para até três haicais a serem enviados



até o dia 30.09.99:

Dia da Juventude, Flor de Café, Gato em Amor.

Até o dia 30.10.99:

Azulão, Dia da Secretária, Sálvia.

Fazer um haikai sazonal é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos o satori ou “consciência de si”, com a mente vazia, isto é, sem preconceitos (fotografamos ou filmamos) e escrevemos (revelamos), compondo assim um haikai com kidai, ou seja, haikai com tema da estação, por conter, *como assunto principal* o kigo, palavra de sação. O haikai de sação deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haikai conterá ainda sutis sugestões que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

1. Preencher até três haicais, conforme os kigos à escolha em cada prazo (cada conjunto em uma única ½ folha de papel carta ou ofício), escrever o nome e o endereço e assinar. Despachá-los normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos kigos.

Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

2. Posteriormente o haicaista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. O haicaista se compromete a enviar numa folha, 7 dias após remessa de rol para escolha, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicaista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaxio do outro, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do fim do mês seguinte.

Nova rica não despista a burrice que me espanta: diz que, sendo ecologista, só compra casas “na planta”!

Arlindo Tadeu Hagen, em Sem Limites 04.99

Meu lenço, na despedida, tu não viste em movimento: – Lenço molhado, querida, não pode agitar-se ao vento...

Carlos Guimarães ♣, em Trovalegre 03.99

Fui ao cinema contigo e ficamos de mão dada. Do nosso amor eu sei tudo, mas do filme... não sei nada.

Cecil Ramon Modesto, em Trovalegre 02.99

Nesta inversão de valores do nosso mundo hoje em dia, a arte de mais louvores é a arte da hipocrisia.

Conceição A. C. de Assis, em Trovalegre 01.99

No roseiral desta vida, nas eras que já vivi, foi tanta rosa colhida, que espinhos... nem percebi!

Diche Galvão Campos, em Trovalegre 03.99

Abençoa, Deus bendito, este meu labor profundo... Graças a ele, acredito, supero as mágoas do mundo!

Ercy M. M. de Faria

Que bom ser tão diferente, neste mundo desigual, vivendo sempre decente, não fazendo nenhum mal!

Haroldo R. Castro, em BI UBT Magé 05.99

A bengala, cor da paz, que o pobre cego conduz, tem um segredo que faz o som transformar-se em luz!...

Hermoclydes S. Franco

A droga, este horrendo vício, só não termina em loucura, quando alguém, antes do hospício mergulha na sepultura.

Hildemar de Araújo Costa

Abre a blusa sem receios; não temas de eu te magoar. Quero bulir nos teus seios com beijos do meu olhar.

Humberto Del Maestro

Prefiro dever a Deus, é mais fácil de pagar, e nunca aos credores meus que não param de cobrar...

João Batista Serra

Quem tem a luz do saber, muito mais que outro qualquer, tem de cumprir o dever de ser luz... onde estiver!

João Freire Filho, em BI UBT SP 01.99

Foi pela guerra enlutada... mas a ilusão de Maria fincava os olhos na estrada quando a porteira batia!

José Messias Braz, em Trovalegre 03.99

Dar aquilo que nos sobra, não tem muita validade, repartir o que mal temos, isto sim, é caridade.

José Silva Guimarães, em Estro 57

Crিসântemos cobrem em solene despedida alguém que não volta...

M. U. Moncam

Diante da porta a brçada de crিসântemos, encobre a visita.

Maria Reginato Labruciano

Na festa junina foguetes viram estrelas clareando o céu.

Cecy Tupinambá Ulhôa

Esperanças dançam nas faiscas da fogueira... Noite de São João.

Alba Christina

Pulam gafanhotos entre as rosas do jardim, brincando de amor.

Ailson Cardoso Oliveira

Na festa junina, saudades de Portugal: sardinha na brasa.

Renata Paccola

Perigo iminente: – balão de festa junina passa sobre a mata...

Santos Teodósio

Chora um lavrador... gafanhotos lhe roubaram verdes da esperança...

Cicero Campos

Na festa junina, um beijo, junto à fogueira, o calor do amor...

Hermoclydes S. Franco

Na festa junina o olhar da noiva me faz membro da “quadrilha”.

João Elias dos Santos

Quando vi a poça d’água, refletindo o céu profundo acabou-se a minha vida. Voltei a gostar do mundo!

Lourdes Mello, em Estro 57

Que este lugar tão gostoso na minha vida se integre, e seja um alegre pouso, ou melhor, um pouso alegre!

Luiz Otávio ♣, em Trovalegre 01.99

Sopro e chama renascida, o amor é acha feiteceira quando se acha enfraquecida a brasa da vida inteira.

Manoel Fernandes Menendez

Você lamenta um fracasso? Valeu mais a tentativa! Pior é cruzar o braço e viver de expectativa.

Maria Aparecida Loiola, em Trovalegre 01.99

Um exemplo a ser seguido é de Cristo, nosso irmão: – Mesmo por Deus traído, concedeu-lhe o seu perdão.

Maria Eunice D. Cherberle, em Trovalegre 04.99

No canto da minha sala, há um cadeira vazia... – nela a saudade se instala nas horas de nostalgia!...

Maria Madalena Ferreira

O tempo levou Maria... Maria da minha infância. Maria que eu não sabia que tinha tanta importância...

Mário Pacheco, em Trovalegre 06.99



IPÊS EM FOLHA

Na festa junina conversa ao pé da fogueira acende a saudade.

Anita Thomaz Folmann

Ao lado da fonte os crিসântemos florindo jardim japonês...

Sandra Parana

O vento levou uma folha para longe... Era um gafanhoto!

Sandra Parana

Flores amarelas. Pingam lágrimas do céu, num pé de crিসântemo.

Analice Feitoza de Lima

Sobem os balões! Há mais estrelas no céu: é a festa junina.

Elen de Novais Felix

Meu pai abre a mala voltando da terra roxa... Salta o gafanhoto!

Yara Shimada Brotto

Da festa junina, guri, lá se vai chorando... Bigode borrado.

Mª Reginato Labruciano

Gafanhoto quieto, faz, apenas, uma pausa para novo ataque...

João Batista Serra

Crিসântemo em flor, na floresta da janela... – Bonsai diferente!...

Maria Madalena Ferreira

Movimento brusco. Um graveto estala e salta. Vai-se o gafanhoto.

Maria Reginato Labruciano

Garoto intrigado examina um gafanhoto: folha saltitante.

Renata Paccola

Sobre a jardineira crისântemos amarelos saúdam o sol.

Alba Christina

Floricultor ri... no olhar a luz da esperança... Crისântemo aberto.

Anita Thomaz Folmann

Balões coloridos... No quintal, de pés descalços olhos acesos...

Ercy M. M. de Faria

Lavradores choram! São nuvens de gafanhotos, adeus plantação...

Elen de Novais Felix

Alegre algazarra. Festival de gafanhotos, criações correndo.

Analice Feitoza de Lima

Gafanhoto, a praga, terror dos agricultores... Milenar receio!...

Hermoclydes S. Franco

Vegetais aos talos. E o vaivém de nuvens vivas. É só gafanhoto.

Roberto Resende Vilela

Ruidos estranhos... A plantação desfolhada... – Gafanhoto à solta!

Maria Madalena Ferreira

Saudade, nome sagrado no santuário da gente, é a presença do passado sobre a ausência do presente.

Milton Reis, em Trovalegre 01.99

É na glória, vã e escassa, que o caráter se revela; o sábio diz – tudo passa... e o tolo – corre atrás dela.

Newton Meyer Azevedo, em Trovalegre 02.99

Caridade não é somente dar roupa, dinheiro ou pão; caridade é dar contente um pouco do coração.

Ondina Carvalho de Souza, em Trovalegre 01.99

Sou grato à Saudade, sim, por seus empenhos constantes em por, juntinhas de mim, coisas que estavam distantes!...

Pedro Coltro ♣, em Sem Limites 04.99

Quando as mangas arregaço para cumprir o dever, se bate a porta o cansaço eu me recuso a atender!

Renata Paccola, em BI UBT Magé 05.99

¡Pongo cariño en mi verso para acalmar su dolor, haciendo nuestro universo lleno de paz y de amor!

Santos Teodósio, Made in Spain

Ser um poeta, irmãos meus, é ser alguém mais profundo. É ver nas obras de Deus todo o céu aqui no mundo!

Terezinha Mendes Loiola, em Trovalegre 06.99

CLASSIFICANDO TERCETOS INDEPENDENTES

Manoel Fernandes Menendez

Podemos chamar de **trevo** todos os *tercetos independentes*: ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔

O trevo guilhermano rima os versos de 5 sílabas e, o do meio, a 2ª (não necessariamente; facilitemos!) com a 7ª.

O trevo **senryu** é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental.

O trevo **haikai** é sempre “aqui e agora” – não conceitual.

O trevo haikai é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo!

Assim, temos:

trevo **haikai** personagem ou **trevo haikai senryu (não filosófico)**,

trevo **haikai** subentendido e, finalmente,

trevo **haikai sazonal**, poesia pura – contém palavra da sação (kigo).

Simbolizamos o trevo haikai de sação pelo ipê, tal como a trova é simbolizada pela rosa!

Trevo senryu:

Sete de Setembro.
Um convite à reflexão:
bandeira de Minas.

Teruko Oda

Trevo haikai senryu

ou **trevo haikai** personagem:

Dormir até tarde...
Só que uma banda me acorda.
Dia de desfile.

Eduardo Lopes Vieira

Trevo haikai subentendido:

A fotografia do haikai abaixo não define a sação. Embora retrate um momento vivencial da natureza, não define a sação do instante em que o autor o escreveu.

Numa velha foto eu, na fanfarras da escola Sete de Setembro.

Sergio de Jesus Luizato

Trevo haikai sazonal:

Não existe haikai de sação, nem tema da sação (kidai) **sem kigo.**

Aqui, claramente, um kigo vivencial referente à primavera:

Sete de setembro...

Sem pompa nem circunstância desmaia o dragão!

Maria de Jesus Baptista de Mello

Era uma vez, meus netinhos,
era uma vez, atenção,
eu vou contar a história
do lenhador do sertão.
Guardem-na bem na memória,
ou antes, no coração.

Um lenhador derribaba
à toa, sem precisão,
tudo quanto ele encontrava
que fosse vegetação.

Assim risonho o malvado,
acordando muito cedo,
pegava do seu machado
e levava o dia inteiro
esfrangalhando o arvoredo.

A sua triste avozinha,
toda noite e todo dia,
sempre a chorar, mas em vão,
a todo hora do dia
como quem faz oração,
de joelhos lhe repetia
que tivesse compaixão
da santidade das árvores
que têm alma e coração.

Pois bem, nesse mesmo dia,
a soltar feros rugidos,
sem atender aos gemidos
da sua avó, da avozinha,
centenária de janeiros,
o bruto, o bruto dos brutos,
derribou dois ingazeiros
carregadinhos de frutos.

E a sua avó, pobrezinha,
que tantas mágoas já tinha,
piedosa, assim lhe falou:

– Meu netinho, sê bondoso
como foi teu santo avó,
por que foi que decepaste
aqueles dois ingazeiros,
dois amigos fraternais?
Vai pedir perdão, meu filho,
perdão para os teus pecados
aos dois troncos decepados
desses cristos vegetais!

Duma feita o criminoso,
cantando, jogou no chão
um pé de jacatirão
tão moço e tão extremo,
que com fraternal carinho,
com carinho paternal,
guardava entre os seus verdoros
o ninho de um cardeal.

E a velha, que não cansava
de aconselhar o impiedoso
naquele eterno estribilho,
ainda assim suplicava:
– Meu filho, meu pobre filho,
tuas ações são contadas
pelo mal que tu fizeres!
respeita todas as árvores
que inda mego agigantadas
são fracas, como as mulheres.

De outra feita, o renegado,
sem um tiquinho de dó,
desgalhou a laranjeira
da coitadinha da avó,
uma velha laranjeira,
cujas flores enfeitaram
há meio séc'lo passado
seu vestido de noivado,
quando ela e o morto adorado
na igreja se casaram.

E a avó, sempre co' o perdão,
sempre, sempre repetia:
– Tu mataste a laranjeira
que há tempos já não floria...
é de balde que eu te imploro,
eu sei que te imploro em vão,
mas, filho, tem caridade,
tem um tico de piedade
da pobre vegetação.

Mas qual, meus filhos, o homem
já não tinha salvação,
vêde quanta perversão...

Do lado do capinzal,
lá, onde pastava o gado,
erguia-se um grande ipê,
que o avó tinha plantado.

No tempo em que ele podia
no seu roçado roçar,
depois de levar na roça
co' a sua enxada a cavar,
debaixo daquela sombra,
nas horas quentes do dia
vinha o velho descansar!
Se era noite de luar,
ali, num banco de pedra,
com a viola conversando,
o velho, já caducando,
rasgava o peito a cantar.

Pois bem. Um dia, o tinhoso,
a fera desnaturada,
o tirano dos tiranos,
quis destruir, às encolhas,
aquela planta sagrada,
aquele templo de folhas,
que tinha mais de cem anos!

Mas quando o rei das florestas
aos golpes do seu machado
já começava a pender,
o grande amaldiçoado
viu uns borbulhos de sangue
do tronco velho escorrer!

Sacudiu fora o machado
e deu de perna a valer!

E foi correndo... correndo!
E os troncos, que ia revendo,
das plantas que decepou,
eram braços levantados
de uns troncos desenterrados
a gritar: – Vai-te, impiedoso!
vai-te embora, cão tinhoso!...
foi Deus quem te castigou!

E foi correndo... correndo!
Cada vez corria mais!
Quis parar e olhou pra trás!
Mas, vendo o ipê debruçado,
como um Cristo ensangüentado,
em folhas crucificado...
cada vez corria mais!

Numa curva do caminho,
um pobre e velho ranchinho
abandonado, avistou!

Quer ver se pára e descansa,
e o ranchinho, por vingança,
sobre o grande excomungado
todo inteiro desabou!!!

E foi correndo e gritando!
E toda a vegetação
que o malvado ia encontrando
e que mal podia ver,
como se fosse arrancada
com toda a raiz da terra,
numa grande disparada
ia atrás dele a correr!

Na crista da encruzilhada,
vendo uma gruta fechada
de verde capoangal,
barafustou pelo matou,
que assim que viu o ingrato,
de matou manso e macio,
ficou sendo um espinhal!

E foi outra vez correndo,
correndo pelos caminhos!
O capim que ele pisava
no mesmo instante ficava
crivado todo de espinhos!

la correndo, sem tino,
como um pérfido assassino
que um inocente matou.

Mas, agora, em sua frente,
o que ele viu, de repente,
que, de repente, impacou?!

Era um rio que passava
ali, naquele lugar!

O rio tinha uma ponte!...
Ele foi atravessar!
Pôs o pé!... Ia passando!...
E a ponte ranguu, quebrando!
E o homem cai, bracejando,
na correnteza, a gritar:

– Socorro, meu Deus, socorro
(gritava já se afogando),
socorro!... que eu vou morrer!
Eu juro pela avozinha,
a mãe da minha mãezinha,
nunca mais em minha vida
um só planta ofender!!!

Então, um velho ingazeiro,
que estava à margem do rio,
estendeu-lhe um braço verde
para dar-lhe a salvação!

O homem pegou no galho,
os dentes no galho aferra,
foi subindo, foi subindo,
e quando pisou em terra,
chorava mais que um chorão!

Chorando e beijando o galho,
dizia: – Muito obrigado!
Deus te conserve enfolhado
com todo viço e verdor!

Quero esquecer meu passado!
vou enterrar meu machado!
Não serei mais lenhador!

.....

Pois bem, depois do perdão,
e daquelas juras santas,
que fez ao velho ingazeiro,
veio a regeneração.
O lenhador do sertão
transformou-se em jardineiro!

* * *

Deixando os matos agrestes,
veio em caminho da roça!
E em breve, ao redor da choça,
feita de barro e coberta
de sapés hospitaleiros,
só se viam, florescendo,
canteiros e mais canteiros!

Levava os dias inteiros
cuidando do seu jardim!

E a avó, que já carregava
mais de cem anos de idade,
dizia que neste mundo
nunca viu tanta bondade
e tanta pureza assim.

Depois do labor do dia,
nem mesmo as noites dormia.
Bastava o simples rumor
de um inseto zumbidor
ou o cicio da aragem
ciciando entre a folhagem,
para abrir a janelinha
da sua choupanzinha,
e escutando esses rumores,
ficar ali debruçado,
ouvindo, a noite inteirinha,
o meigo sonho das flores!
De manhã, de manhã cedo,
lá ia saber das rosas,
dos cravos e dos crisântemos,
das açucenas cheirosas,
se tinham dormido bem!
Tinha um cuidado co' as rosas
que as avós mais carinhosas
com seus netinhos, não têm!

Dizia a uma flor: – Bom dia,
como estás hoje vermelha!
Dizia a outra: – Coitada!
perdeu seu mel, foi roubada!
Minha flor, serás vingada,
hei de matar essa abelha!
Depois, com mágoa, com pena
duma formosa açucena
que parece que chorava,
batia de leve no galho
e a flor então levantava
livre do peso das lágrimas
daquelas pingos de orvalho...

la apanhando no chão,
a flor que no chão caía!
Nas rudes costas da mão,
alimpando as flores d'água,
que vinham do coração,
batia em cima do peito,
como quem faz confissão!

Quando o sino da igreja
vibrava na Ave Maria
as seis notas mensageiras
da noite, que ressurgia,
como o Cristo, ajoelhado,
no Jardim das Oliveiras,

o grande regenerado,
pedia a Deus pelas almas
das flores que nesse dia
no jardim tinha enterrado.

* * *

E agora, quando passava
entre as árvores, cantando,
cheios de água carregando
seus dois grandes regadores,
os arvoredos mostrando
que o lenhador perdoavam,
no jardineiro atiravam
as suas palmas de flores...

No dia em que o lenhador,
que se tornou jardineiro,
reendeu sua alma ao Senhor,
diz o povo do lugar,
que quando foi a enterrar,
as borboletas voavam
e os passarinhos, cantando,
o fêreto acompanhavam.
E os arvoredos e os matos,
por serem órfãos de flores,
reconhecidos e gratos
por tamanha adoração,
ao doce gemer dos ventos,
agitavam-se em lamentos,
atirando os seus verdoros
sobre as tábuas do caixão.

Quem hoje por alta noite,
nas horas de mais quebranto,
passa pelo campo santo,
vê um vulto pervagando,
um velho, triste, alquebrado,
de campa em campa regando
as flores do cemitério
onde ele foi enterrado.

Em Meu Sertão, 5ª Edição, 1925; 15ª, 1954;
e em Fábulas e Alegorias, 1934,
e memória de edição posterior
não mais localizada.



© 1999, Editora Gráfica Andaraí, São Paulo, SP

152 : 34 = 4,51 – O Brasil tem 4,5 vezes a população da Argentina! Em milhões: Canadá 29, Cuba 11, EE.UU. 263, Alemanha 81, França 58, Inglaterra 46, Rússia 148, China 1.185 e Japão 125... Medalhas proporcionais para os próximos Jogos... há muito o que fazer, minha gente!

POESIA EM CONTA-GOTAS

Revista Kalunga 07.99 (trecho)

Além da considerável força de trabalho, a imigração japonesa trouxe para o Brasil algumas preciosidades de sua cultura. Uma delas é o haikai, um poema de três versos criado em uma métrica – cinco, sete e cinco sílabas cada, respectivamente –, que geralmente tem como tema central a natureza. Os iniciados na arte dizem que ele não pode ser muito pensado, que basta colocar no papel a primeira imagem que lhe vier à cabeça. Qualquer um pode fazer, garantem.

E é para conhecer os caminhos e mistérios do haikai que um grupo se reúne uma vez por mês, no Grêmio Haikai Ipê, fone (0xx11) 279-6630, que funciona na Aliança Cultural Brasil-Japão, em São Paulo. São descendentes de japoneses e brasileiros, homens e mulheres, jovens e velhos, que fazem de cada encontro um momento de prazer e aprendizado. Todos chegam com trabalhos obedecendo um tema pré-estabelecido, sem identificação do autor, que são analisados por todos os participantes. Depois, durante uma votação aberta, escolhem-se os melhores, e só então o dono da obra, que não tem título, é identificado.

...O poeta Matsuo Bashô (1644/1694), uma das mais importantes referências para quem se aventura nessa arte, popularizou o poema no Japão. Definia sua arte como o registro do que está acontecendo no momento, quando a mente deve estar vazia e o coração desarmado. Uma das regras básicas do haikai é que o tema (o kigo) tem que ter relação com a estação – não se pode escrever sobre o frio no verão, por exemplo –, pois é uma exigência inquestionável ▶

Oh, tenho abundância de nada e o nada é bastante para mim.

Não tenho carro, nem mula,
e não estou na miséria.

Os que têm abundância de tudo põem cadeado na porta,
com medo de que alguém os roube
enquanto estão fora, fazendo mais dinheiro. Para quê?

Não tenho cadeado na porta – não é preciso.

Podem roubar o tapete do chão, está bem para mim,
porque as coisas que têm valor para mim,
como as estrelas no céu, são todas de graça.

Oh, tenho abundância de nada, e o nada é bastante para mim.

Tenho minha pequena, tenho minha canção, tenho o paraíso o dia inteiro.

Não preciso me queixar!

Tenho minha pequena, tenho meu Senhor, tenho minha canção!

Tenho abundância de nada, e o nada é bastante para mim.

Tenho o sol, tenho a lua, tenho o profundo mar azul.

Os que têm tudo devem rezar o dia inteiro.

Parece que a riqueza obriga a gente a se preocupar em manter o diabo longe.

Não tenho medo do inferno, enquanto não chega a hora.

Nunca me preocupo, se estou bem,

ninguém me obriga a ser bom,

a ser mau, que diabo! estou contente de estar vivo.

Oh, tenho abundância de nada, e o nada é bastante para mim.

Tenho minha pequena, tenho minha canção, tenho o paraíso o dia inteiro.

Não preciso me queixar,

tenho minha pequena, tenho meu Senhor, tenho minha canção!

Coro: Tem sua pequena, tem seu Senhor!

Porgy and Bess de George Gershwin (1898/1937),

Ato II, Ária de Porgy; Oh, I Got Plenty of Nuttin';

Argumento adaptado por Du Bose e Dorothy Heyward.

Ira Gershwin (1896/1983) acrescentou os textos dos songs.

As Grandes Óperas, Abril Cultural, Fascículo 22.

▶ o autor ter vivido aquela experiência que coloca no papel. “Não se pode falar sobre o que não se conhece. Fica uma coisa mentirosa”, explica Francisco Handa, um dos membros do Grupo Haikai Ipê.

Bashô não inventou o haikai, mas transformou seu sentido. O que era um passatempo passou a ser a busca do instante poético, uma anotação rápida, a recriação de um momento privilegiado. Discipulo de um monge japonês, e ermitão que alternava poesia com meditação, Bashô fez do haikai um exercício espiritual. A poeta Olga Savary diz que o gênio de Bashô está em fazer com que descubramos que o haikai, apesar de sua aparente simplicidade, é um organismo poético muito complexo; que sua brevidade obriga o poeta a “significar” muito dizendo o mínimo. Ele teve seguidores ilustres, como Buson e Issa, e um de seus poemas é o mais conhecido no mundo, curiosamente, com várias leituras, sem, no entanto, perder seu sentido: “Furu ike ya/Kawasu tobikomu/Mizu no oto” pode ser “Tanque velho/Uma rã que salta/Fragor d’água”, ou “Sobre o tanque morto/um ruído de rã/submergindo”, ou ainda “No tanque morto/o ruído de uma rã/que mergulha”.

Por que em lugar de poeta

não me fez Deus um banqueiro?

Tu viverias repleta

não de versos... de dinheiro.

Quatro Trovas de Catulo da Paixão Cearense

Neste sertão não respeito

violeiro ou cantador!

Comigo é preciso jeito!

Não podem com a minha dor.

O meu amor, que é de fogo

não dá flores entre o gelo...

O coração das mulheres

é escasso para contê-lo.

Quatro Trovas de Catulo da Paixão Cearense

A dor mandou que eu chorasse,

para alívio dos pesares,

mas já não tendo mais lágrimas,

estou chorando cantares.